

TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO: UMA ALTERNATIVA PARA O FOLCLORE

Ana Laura da Silva Teixeira
UNICAMP/FE/ HISTEDBR

Resumo

O objetivo desse trabalho é trazer algumas reflexões a respeito do trabalho como princípio educativo, e o colocando como uma alternativa ao folclore, ao senso comum. Se faz necessário mencionar que o trabalho se constitui como categoria sociológica central, sendo dessa maneira nos é impossível entender as relações educacionais sem entender o modo de produção da sociedade contemporânea, bem como a economia, política e cultura. Trabalho e educação estão relacionados também pelo fato de que a educação tem servido ao capital, formando o indivíduo conforme suas necessidades. Para explicar tal fato, temos a intenção de fazer o uso do referencial materialista histórico dialético, por entender que este tem maior capacidade de dar respostas a nossa realidade. De acordo com o processo histórico, a cada conflito vivenciado pela sociedade surge a necessidade de recorrer a retomada de algumas teorias que possam apontar uma solução para o problema posto e é nesse intento que tomamos os estudos de Gramsci, diante do quadro caótico da educação tentamos mostrar alternativas, para a formação do ser humano bem como sua emancipação.

Palavras-chaves: Trabalho; Educação; Trabalho como princípio educativo
Eixo: História, Trabalho e Educação

Introdução

Ao analisarmos a história da educação brasileira, podemos ver que ela não pode ser entendida por si e para si como se estivesse solta e independente de outros fatores sociais, mas é necessário compreender que ela depende inteiramente desses fatores. Pois é justamente o que acontece no ambiente social, econômico e político que escreve a história e dita seu curso, ou seja, é o homem, sua relação com a natureza e com o outro que constrói a história, quer dizer, mediante ao trabalho, bem como suas relações.

O que entendemos como trabalho neste texto é que, segundo Marx,

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. (MARX, 1985, p. 149).

A esta descrição do trabalho, se denomina trabalho concreto, quer dizer, o trabalho com o qual o homem se edifica e se identifica simultaneamente, trabalho do qual o homem pode desfrutar dos resultados de seu próprio trabalho, quer dizer, uma ação que gera um valor de uso para o próprio homem que o produziu. Todavia quando essa força de trabalho é dominada por outro homem,

e da mesma maneira, o produto desse trabalho, não pertencendo mais a quem o produziu, este trabalho e seu fruto tornam-se uma mercadoria a ser comercializada. Quer dizer que o resultado do trabalho é retirado de quem o produziu, alienando assim o produtor de seu produto. A este segundo caráter do trabalho Marx denominou de trabalho abstrato (ibid.).

E é este segundo caráter do trabalho que gera as relações de trabalho, e essas relações por sua vez, conduzem as demais esferas sociais, econômica, política e cultura. O que faz com que isso aconteça? Porque este trabalho abstrato dá o curso as demais esferas sociais? Ora, uma vez em que vivemos em um sistema capitalista, e o grande objetivo desde é a obtenção de lucros mediante a exploração do trabalho humano, todas as outras instâncias da nossa sociedade são mobilizadas com o intuito de alcançar este objetivo. Sendo assim fica claro que as esferas sociais que citamos a cima, estão a mercê da manipulação da classe dominante, agindo com a finalidade de acumular riquezas em detrimento da miséria da classe trabalhadora. Esta é a lógica perversa do capital.

Com o passar do tempo as relações entre explorador e explorado, os meios de produção, vão se modificando, e mediante essas mudanças, a história vai tomando novos rumos. Por exemplo, na obra “A ideologia alemã” (1989), Marx menciona os desenlaces da divisão do trabalho em cada forma de organizar a sociedade, mostrando que a organização da sociedade esta intimamente ligada com a forma que organizamos o trabalho dentro dela. A primeira divisão do trabalho que se considera, é a divisão entre trabalho manual e intelectual, tendo assim alguém que pense a respeito desse trabalho, que o planeje, em detrimento de outro indivíduo que apenas coloque em pratica o plano elaborado pelo primeiro. Não podemos separar o ato da divisão do trabalho com a existência da propriedade privada, pois a primeira forma de propriedade privada é justamente a dominação do trabalho alheio. Nessa primeira divisão realizada na história, estamos falando do regime escravocrata. Sendo assim, essa força de trabalho passou a ser tratada como qualquer outra mercadoria que se possa dispor no mercado. Portanto, enquanto houver interesses distintos e o trabalho não for dividido por vontade própria, a ação do homem será dominada.

Mas o que essa discussão à cerca do trabalho diz respeito a educação? Qual a relação entre trabalho e educação? Segundo Saviani (2012),

Para sobreviver, o homem necessita extrair da natureza, ativa e intencionalmente, os meios de sua subsistência. Ao fazer isso, ele inicia o processo de transformação da natureza, criando um mundo humano (o mundo da cultura).

Dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho (p. 11).

Quer dizer que antes de produzir um trabalho material o homem antecipa mentalmente esse trabalho, o planeja, sendo necessário para isso um trabalho intelectual anterior a execução desse

trabalho, quer dizer que nesse processo a educação se torna parte do trabalho, pois é necessário um conhecimento prévio antes de colocar uma atividade em prática. Anteriormente mencionamos que o homem se apropria do trabalho de outro, cabendo ao primeiro apenas planejar e ao segundo apenas executar, todavia vale detalhar aqui que embora haja essa divisão do trabalho, ela não acontece de maneira total, pois quem planeja não está totalmente alheio de exercer um trabalho material e nem mesmo quem executa está relegado apenas à prática. Pois enquanto serem humanos, planejamos toda e qualquer ação, quer ela precise de um grau maior de abstração ou não. Não há trabalho puramente intelectual, da mesma maneira que não há trabalho puramente material. O que é negado ao trabalhador nesse sentido é a compreensão do trabalho como um todo, cabendo a ele saber apenas o suficiente para desempenhar sua atividade, quer dizer que o saber-lhe é negado. E é quanto a essa negação que se dirige nossas críticas e tentativa de uma resolução.

Com base nesse pensamento, abordaremos a temática do trabalho como princípio educativo em consonância com a especificidade brasileira, para tal realizaremos um breve apanhado histórico, que remonta a década de 1980, buscando responder a que realidade esse conceito veio dar respostas. Feito isso, discutiremos a temática na atualidade e investigaremos a realidade brasileira que faz com que essa discussão ainda seja válida.

Breve contextualização histórica do Brasil na década de 1980

No ano de 1979, deu-se abertura à política, com o fim da ditadura militar, os exilados estavam retornando e o povo estava mais entusiasmado diante do novo quadro. Na década de 1980 foram aprovadas as eleições diretas para governadores do estado. Portanto, estamos mencionando um período de grande empolgação e efervescência de ideias nessa fase, tanto de ideias hegemônicas, quanto as contra hegemônicas. Se faz necessário salientar que só podemos entender o âmbito educacional, bem como suas crises, ao apreender de maneira mais geral a crise capitalista, com as especificidades brasileiras, pois esta crise se faz presente em todos os âmbitos da sociedade e o neoliberalismo tem se colocado como resposta em todas essas esferas sociais. Neste momento a tendência capitalista era a globalização, o aperfeiçoamento industrial contando com a tecnologia e o incentivo do pequeno proprietário. Ainda é importante mencionar aqui que o termo globalização não é uma invenção contemporânea, apesar de estar sendo usada exaustivamente, pois Lenin já mencionava a globalização ao tratar da fase imperialista do capitalismo em 1916 (NORONHA, 2008).

Nesse momento a tendência educacional predominante era o tecnicismo, e o objetivo dessa tendência era fazer com que a educação adotasse o mesmo princípio organizacional fabril, sendo assim seria possível prever algumas interferências e erradicá-las, daí veio a padronização do ensino,

com base nos planejamentos. O principal elemento passa ser a organização, pois esta seria a garantia da eficácia (SAVIANI, 2013).

Aliada a essa tendência, a proposta do neoliberalismo no que se refere à crise no âmbito teórico, é a pós-modernidade, que trouxe várias ideias á cerca da educação. Entre tantas ideias as que se podem conferir um papel de destaque na ideologia dominante, são as que visam educar o aluno para que este seja empregável e não ser excluído do mercado de trabalho, mediante a vários cursos e caso não consiga, a ideia é fazer com que entendam que eles próprios são culpados por isso. Abre-se a possibilidade da microempresa, terceirização, trabalho autônomo, informalidade, patrão de si mesmo, entre outros, e diante de tantas ofertas, não conseguir se tornar empregável é plena responsabilidade do indivíduo (FRIGOTTO, apud. GENTILI, 1995). Apesar das ideias hegemônicas terem tido grande sucesso na implantação de suas ideias na escola, ainda houve as concepções de educação contra hegemônicas, que rompiam com essa lógica capitalista de apenas formar o indivíduo para ser um bom empregado e conformado com a sua condição na hierarquia social.

A contra hegemonia tinha como norte, tentar de alguma maneira, romper com essa lógica capitalista e as universidades começaram a debater essas concepções contra hegemônicas. Todavia a que nos interessa neste momento devido ao recorte do trabalho é tentar abarcar as discussões que permearam a pedagogia histórico crítica, por considerar a de maior expressão frente as outras e por entender que ela está próxima a discussão do trabalho como princípio educativo, ainda tentaremos elucidar como se deu o início da discussão deste conceito aqui no Brasil.

Nesse período, no âmbito educacional, as ideias também estavam fervilhando, com a criação de meios de veiculação de teorias educacionais, como a ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação), o CEDES (Centro de Estudos Educação & Sociedade), a ANDE (Associação Nacional de Educação), bem como a revista ANDE. A pós-graduação em educação também contribuía com as discussões sobre os novos rumos pedagógicos do país. O programa de Pós-Graduação na PUC-SP é considerado um dos mais influentes e nessa instituição, o professor Dermeval Saviani foi convidado a oferecer uma disciplina que trouxe à baila as discussões sobre Gramsci e suas contribuições para a educação (SAVIANI, 2011).

Em momentos de crises, sejam elas políticas, econômicas, teóricas, o que ocorre é o surgimento de filosofias que possam contribuir com a solução desses problemas. Dessa forma podemos pensar nas ideias de Gramsci, que em um determinado momento histórico de crise veio dar respostas a esses acontecimentos e propor soluções a esta crise, uma resposta e esse novo momento da redemocratização brasileira.

Gramsci e o trabalho como princípio educativo

A proposta pedagógica de Gramsci, como veremos, nessa época de industrialização do país, que traz a questão da separação entre teoria e prática, tenta superar essa dicotomia, procurando formar o indivíduo por meio do trabalho e para o trabalho, mas de maneira a superar a distinção entre saber prático e saber teórico, e lhe conferindo uma educação que o humanize, formando o ser humano em todas as suas potencialidades. Uma das obras mais estudadas desse autor nesse sentido são os Cadernos do Cárcere, particularmente o Caderno 12, no qual podemos encontrar o título “Os intelectuais. O princípio educativo”. Logo mais explicitaremos as ideias centrais contidas neste caderno, bem como a sua relevância para a educação atual.

A situação dos intelectuais na América do Sul e América Central deve ser analisada levando em conta que nessas localidades podemos perceber vestígios da civilização espanhola e portuguesa do século XVI e XVII, que tem como características mais relevantes a contra-reforma e o militarismo. Dessas duas vertentes, a religiosa e a militar é que surgem os intelectuais latino americanos, sendo que a maior parte deles são intelectuais rurais, uma vez que nessas áreas predominam o latifúndio, com vasto domínio do clérigo, sendo assim intimamente ligados aos proprietários e ao clero. A composição da população é muito desigual mesmo entre os brancos, ficando mais discrepante ao se pensar nos índios, que em alguns países formam a maior parte da população.

Destá maneira podemos dizer que as atividades práticas da modernidade se tornaram tão complexas que passam a necessitar da formação para os dirigentes e especialistas dessas atividades, sendo estas oferecidas em escolas, e ainda necessitou-se de especialistas de nível mais elevado que pudessem ensinar nessas escolas. Aos poucos foram sendo criadas escolas particulares de vários níveis, direcionadas já para ramos ou profissões específicas. Este conglomerados de escolas foram crescendo desordenadamente, sob nem um tipo de organização ou norteamento. A crise que se estabelece está ligada a essa desordem do ensino. Trata-se mesmo de uma desordem ou de uma determinada ordem?

Disso podemos analisar também a separação entre escola clássica e profissional: a primeira era destinada às classes dominantes e aos intelectuais, enquanto a segunda era destinada às classes instrumentais. Decorrente da crescente industrialização e da sociedade se configurar como cada vez mais urbana, surgiu a necessidade de um novo tipo de intelectual, e no que corresponde à formação desse intelectual, emerge uma nova escola, a escola técnica. Com isso se colocou em xeque o princípio educacional de orientação baseada na cultura geral, que por sua vez era fundada na tradição greco-romana.

A tendência atual segue então duas linhas, a de conservar o acesso à escola apenas a uma pequena parcela de homens e mulheres que não necessitam estar preocupados com a preparação

para um futuro profissional, e de outro lado a difusão das escolas profissionais especializadas, e nesta o destino do aluno quanto à sua profissão é previamente traçado.

Esta crise teria solução, segundo Gramsci, com a escola única inicial de cultura geral, humanista, que de maneira justa equilibrasse o saber para o trabalho manual, bem como para o trabalho intelectual.

A escola unitária então, tenta unir o trabalho intelectual junto ao trabalho industrial, e este princípio unitário estaria presente em outros organismos da cultura, lhes emprestando um novo conteúdo. As academias unindo saber prático e saber intelectual deveriam ser uma organização cultural (de sistematização, expansão e criação intelectual). A universidade assim muda todo seu caráter, pois agregaria várias instituições existentes, locais, provinciais, rurais e urbanas, concentrando também vários tipos de organizações culturais como institutos de cultura, círculos filosóficos e outros, com atividades que se relacionem com a vida social, bem como a produção e ao trabalho. E nesses espaços também seriam organizados as conferências industriais, a cientificidade do trabalho e laboratórios das fábricas. Serão desenvolvidos também mecanismos que propiciem o desenvolvimento de capacidades individuais nas massas.

Para Gramsci a escola tem a função de se contrapor ao que é folclórico, ao que é de senso comum, entendendo a existência de leis não como algo dado naturalmente, mas como elaborada por homens e que podem ser por estes mudadas, pensadas assim com base nas mudanças sociais. A lei civil organiza o homem de maneira mais adequada para que este realize seu trabalho com maior facilidade, que é a maneira pela qual o homem participa na natureza, com o intuito de transformá-la com vistas ao uso desse trabalho na vida em sociedade.

E é este princípio do trabalho que une lei social e lei natural que rompe com a visão folclórica de mundo, oferecendo uma visão que tem por base o desenvolvimento histórico, bem como as relações dialéticas inerentes a este mundo. O papel do professor então fazer essa mediação entre instrução e educação.

Pedagogia histórico-crítica e desafios atuais

O professor Dermeval Saviani ministrou aulas na pós-graduação da PUC/SP que tinha como objetivo trazer à baila as contribuições de Gramsci para a educação e devido a essa experiência lhe foi possível elaborar uma proposta pedagógica com apontamentos que vão de encontro as propostas de Gramsci.

A pedagogia histórico crítica, desenvolvida por Dermeval Saviani, busca fazer com que o aluno tenha acesso ao saber sistematizado, historicamente acumulado pela sociedade, bem como um olhar crítico sobre esse saber, de maneira que possa intervir na forma como se conduz a sociedade,

provocar consciência de classe e em consequência disso uma ruptura com o capital (SAVIANI 2012). Em seu artigo Choque teórico da politecnia, Saviani (2003) traz alguns apontamentos que nos remetem ao trabalho como princípio educativo, conceito este, pensado por Antonio Gramsci, pensador e líder do Partido Comunista Italiano (PCI). E consiste em pensar a educação a partir da temática do trabalho, âmbito do nosso estudo. Isso quer dizer que pensa-se a educação da seguinte maneira: o trabalho se constitui como atividade propriamente humana, é fonte de existência, e segundo Gramsci (1982) é através do trabalho que podemos perceber a ordem social e estatal, sendo assim constituindo-se como princípio educativo, quer dizer, tomar o elemento central de nossa sociedade e a partir dele pensar a educação. Nesse sentido o conceito de trabalho frente a problemática educacional, é mais amplo que didático-moral, pois também deve possuir cunho prático dentro do ambiente educativo. É de grande importância mencionar o professor Saviani foi um dos primeiros a trazer para a pós-graduação brasileira, os debates sobre a contribuição de Gramsci para a educação. Tendo em vista o trabalho como princípio educativo, o que difere essa concepção pedagógica da concepção pedagógica da classe dominante? Vejamos uma citação de Gramsci, que explica de maneira clara esta diferença:

Pode-se dizer, por isso, que o princípio educativo sobre o qual se baseavam as escolas elementares era o conceito de trabalho, que não se pode realizar em todo seu poder de expansão e de produtividade sem um conhecimento exato e realista das leis naturais e sem uma ordem legal que regule organicamente a vida recíproca dos homens, ordem que deve ser respeitada por convenção espontânea e não apenas por imposição externa, por necessidade reconhecida e proposta pelos próprios homens como liberdade e não por simples coação (ibid. p. 130).

Esse trabalho do qual estamos falando, a luz de Marx e Gramsci, é um trabalho livre, que forme o indivíduo, que seja pensado pelo trabalhador em todos os seus aspectos de forma completa e não parcelada, que o sujeito possa dominar todo o processo de trabalho e refletir criticamente sobre o mesmo. Logo é tentando encaminhar uma proposta de educação com base nesse pensamento que surgiram tais propostas, contra hegemônicas. Segundo Semionato (1993) essas discussões estavam em alta na década de 1980, e após esse período houve um esvaziamento dessa discussão, e esse deve-se a crise do socialismo real e as mudanças que vinham ocorrendo na URSS, que acabou por preconizar as discussões de cunho marxista. Todavia agora esse debate vem sendo retomado no meio educacional, por quê? Qual a nova realidade brasileira que faz com que esse construto teórico seja relevante?

Breve apontamento sobre o problema da educação contemporânea

Como resultado ainda raso de uma pesquisa maior, podemos perceber que hoje a sociedade globalizada tem como ponto forte o surgimento da informática, que com a eletrônica dinamiza as relações, desterritorializando o mercado, as ideias, as práticas humanas, suas expectativas e volatilizando tudo o mais que se possa pensar em termos do que é inerente ao ser humano, bem como suas relações. Diante dessa mobilidade de coisas e pensamentos e diante dessa fluidez é que muitas correntes de pensamento, políticas e religiosas, tentam se firmar e buscar autonomia (IANNI, 2002). Esta mudança de percepção do ser humano quanto ao que está a sua volta é o que podemos chamar de senso comum, ou na linguagem gramsciana, folclore. Quanto a isso o objetivo da escola é lutar contra o folclore, contra essa concepção de mundo e dar lugar ao conhecimento crítico. Portanto, é a esse quadro histórico que a pedagogia histórico crítica e o conceito de trabalho como princípio educativo vem dar resposta e oferecer uma proposta que rompa com o capital, se tornando dessa forma extremamente relevante nos dias de hoje.

Bibliografia

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceitual no campo educacional*. In. GENTILI, Pablo (Org.). *Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neoliberalismo em Educação*. Petrópolis : Vozes, 1995.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

IANNI, Otavio. **A era do globalismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. 2º ed. Campinas, SP: Autores associados, 2008.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro 1, v.1, ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

NORONHA, Olinda Maria. **Políticas neoliberais, conhecimento e educação**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2002.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas**. 6º ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

_____. **O choque teórico da politecnia**. Trabalho, educação e saúde. v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003.

_____. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____; DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e a luta de classes na educação escolar** (orgs.). Campinas, SP: Autores Associados, 2012. 184p (Coleção polemica do nosso tempo).

_____. **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos.** Campinas: Autores Associados, 2011.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11 ed. SP: Autores Associados, 2012.

_____. **Aberturas para a história da educação: do debate teórico metodológico no campo da história ao debate sobre a construção do sistema nacional de educação no Brasil.** Campinas, S.P: Autores Associados, 2013.

SEMIONATO, Ivete. **Gramsci: sua teoria, incidência no Brasil, influência no serviço social.** (tese PUC SP). 1993.